

COLEÇÃO FILOSOFIA E TRADIÇÃO

ESTUDOS CLÁSSICOS

IV

PERCURSOS

GABRIELE CORNELLI
LUCIANO COUTINHO

Capítulo 13

“O começo é a metade de tudo”: Telemaquia, rito de passagem e herança cultural²¹⁷

“The beginning is half of everything”: Telemaquia, rite of passage and cultural heritage

Tulio Saeta²¹⁸

Resumo: Homero, em sua clássica obra *Odisseia*, versa que depois da Guerra de Troia, que durou dez anos e consagrou o triunfo dos aqueus (gregos) sobre os troianos, os guerreiros vitoriosos retornam para seus reinos. Em seu caminho de volta, o herói Odisseu enfrenta uma multiplicidade de obstáculos que atrasa seu retorno em mais dez anos. Seu filho, Telêmaco, não o viu retornar da guerra. Conta o poema épico *Odisseia* que Telêmaco tem vinte anos quando, incitado pela deusa Palas Atena, toma uma decisão que vai mudar sua vida. A deusa traveste-se de um antigo amigo de Odisseu, chamado Mentos e, evitando antecipar para Telêmaco que seu pai está vivo, o instiga a procurá-lo. Para isso, o jovem precisaria aventurar-se em direção ao desconhecido. Essa viagem constituirá parte de sua formação e de sua iniciação na vida adulta e também expressão de valores culturais que formam sua identidade. Telêmaco é acompanhado pela deusa, mas não sabe disso, pois ela agora aparece ao seu lado travestida de outro amigo de Odisseu, chamado Mentor. Podemos dizer que o começo [da viagem de Telêmaco] “é a metade de tudo” e é o que justifica o título deste artigo: o primeiro passo da grande aventura.

Palavras-chave: Homero; *Odisseia*; Odisseu; Telêmaco; Paideia.

Abstract: Homer, in his classic *Odyssey* versa that after the Trojan War, which lasted ten years and consecrated the triumph of the Achaeans (Greeks) on the Trojans, the victorious warriors return to their kingdoms. On his way back, the hero Odysseus faces many obstacles delaying his return in ten years. His son, Telemachus did not see him returning from war. Account- epic poem *Odyssey* Telemachus is twenty years old when, urged by the goddess Athena, makes a decision that will change your life. The goddess travesties is an old friend of Odysseus, called Mentos, and preventing forward to Telemachus that his father is alive, is encouraging him to seek him. To this, the young need to venture into the unknown. This trip will be part of her training and her initiation into adulthood and also an expression of cultural values that form its identity. Telemachus is accompanied by the goddess, but do not know it, because it now

217 Trabalho orientado pela Profa. Dra. Santra Rocha da Universidade de Brasília (UnB).

218 Graduado em História pela Universidade Santa Úrsula (USU). Especialista em Estudos Clássicos pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: <tsaeta@hotmail.com>.

appears next to your guise of another friend of Odysseus, called Mentor . We can say that the beginning [of the voyage of Telemachus]” is half of everything” and is hence the title of this article: the first step of the adventure.

Keywords: Homer’s *Odyssey*; Odysseus; Telemachus; Paideia.



“*Telemachus departing from Nestor*” de Henry Howard (1769-1847)

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tel%C3%AAmaco>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

Introdução

Este artigo tem como objetos de estudo o prelúdio e os quatro primeiros cantos do poema épico *Odisseia*, atribuída ao poeta jônico Homero, denominados desde a Antiguidade de Telemaquia. Tem a pretensão de apontar que o rito de passagem (de jovem para adulto) de Telêmaco, filho de Odisseu e Penélope, descrito nos seus versos, está associado a uma paideia (processo educativo) de caráter aristocrático, balizado no conhecimento e na valorização de sua herança cultural.

A tradução para o português da *Odisseia* utilizada neste artigo como base principal optou por versos de dezesseis sílabas, um equivalente ao hexâmetro. Carlos Alberto Nunes o traduz em um linguajar clássico, com um rico e variado vocabulário que aponta para usos da língua portuguesa nem sempre lembrados. Esses versos ganham grande frescor ao serem lidos em voz alta.

No desenvolvimento a seguir procuraremos analisar o prelúdio e os quatro primeiros cantos, por meio dos seguintes passos: (1) breve apresentação das obras *Ilíada* e *Odisseia*, para melhor situar o leitor para a leitura da análise proposta; e (2) descrição da Telemaquia, ressaltando as relações entre o rito de passagem do personagem (Telêmaco) e a paideia aristocrática.

Registre-se ainda que, como premissa teórica, foi fundamental para a formulação deste artigo o conceito de herança cultural conforme sugerido por Margarida Maria Pereira dos Santos Louro de Felgueiras:

or herança cultural entendemos o legado de bens materiais quanto simbólicos, as práticas, as táticas, as brincadeiras e as canções, as recordações construídas em um espaço relacional, num quadro físico e social estruturado (FELGUEIRAS, 2010).

Nessa perspectiva, a ideia de herança cultural “Contém um sentido afetivo, um valor deixado em formas de ver, de pensar, de atuar. Algo que não podemos alienar, sem nos transformarmos nessa mudança” (FELGUEIRAS, 2010). É nesse sentido que procuramos analisar a Telemaquia, como uma obra expressiva em relação aos valores culturais de seus personagens e suas ações.

1. A *Ilíada* e a *Odisseia*: breves comentários

[...] em poesia o homem grego canta o declínio das arcaicas formas de viver ou pensar, enquanto prepara o futuro advento da era científica e filosófica que a Grécia conhecerá a partir do século VI a.C.
(PESSANHA, 1996, p. 7)

As epopeias *Ilíada* e *Odisseia* foram sistematizadas com base em uma tradição oral e de uma prática mnemônica como lugar de produção na poesia. São monumentos de grande alcance histórico, que lhes asseguram o atributo de obras fundacionais tanto para um posterior espírito educativo grego – por isso é dito que Homero foi o grande

educador da Grécia – quanto para o estabelecimento de um conceito posterior de Antiguidade Clássica. Mas a materialidade das duas obras estão ancoradas numa tradição anterior a Homero que remonta ao período das civilizações minoica e micênica, os quais são, muitas vezes, tratados equivocadamente como “época das trevas” por um senso comum historiográfico. A obra evoca, então, o estabelecimento dos gregos na costa da Ásia. Graças à *Ilíada*, a guerra contra Troia, um dos mais notáveis episódios dessa empresa, passou a ser o acontecimento simbólico da força conquistadora dos helenos.

Werner Jaeger defende que “Do ponto de vista histórico, a *Ilíada* é um poema muito mais antigo. A *Odisseia* reflete um estágio muito posterior da história da cultura” (JAEGER, 1986, p. 37). O ensino da *Ilíada* e da *Odisseia* dava a jovens e adultos modelos de excelência ou *aretē* a serem seguidos, bem como de vícios a serem evitados, tendo, assim, papel fundamental na educação grega, entendida em um sentido mais amplo.

A segunda obra clássica atribuída ao poeta grego Homero, intitulada *Odisseia*, foi inicialmente oral e fixada pela escrita por volta do século VI a.C. Conforme assinala Junito de Souza Brandão (2009) em seu livro *Mitologia Grega*, a obra conta a história do regresso, repleto de sofrimento e da experiência de autoconhecimento, de Odisseu, herói daquela que ficou conhecida como a Guerra de Troia. Odisseu retornava para o reino de Ítaca, sua terra natal, onde o esperava sua amada Penélope e seu filho Telêmaco.

A obra concilia perfeitamente estética e ética, apresenta uma enorme beleza poética e constitui um tipo de tratado ético-moral da vida aristocrática na Grécia Antiga. Para Jaeger, essa obra é um exemplo da possibilidade de conjugar esses dois domínios – estética e ética – em um processo educativo. Nas palavras do autor “[...] só pode ser propriamente educativa uma poesia cujas raízes mergulhem nas

camadas mais profundas do ser humano e na qual viva um *ethos*...” (JAEGER, 1986, p. 44). Por outro lado, sobre os valores da educação artística, o autor acrescenta: “A arte tem um poder ilimitado de conversão espiritual” (JAEGER, 1986, p. 44). É nessa perspectiva que, em seus diálogos, Platão refere-se a Homero como o “educador da Grécia” e utiliza seus versos e mitos nos próprios textos.

A *Odisseia*, como toda obra literária, revela diferentes significados e pode ser lida de distintas maneiras. Foi legada à posteridade por meio da tradição oral, até que todo o dito, contado e recontado foi sistematizado e escrito, em algum momento ainda ignorado, sendo, a partir de então, atribuída a sua autoria a Homero.

O traçado da *Odisseia* é de mais fácil apreensão, e, digamos, artisticamente de melhor planejamento, pela disposição concêntrica, em que o próprio herói do poema relata suas aventuras durante dez anos de peregrinação, no empenho de retornar para a pátria, depois de conquistada, saqueada e destruída Tróia, e de serem sido massacrados ou vendidos como escravos seus moradores (HOMERO, 2011, p. 9).

A *Odisseia* representa uma narrativa de retorno, os denominados *nostoi*, que se propunham a contar o que acontecera aos principais combatentes da Guerra de Troia na viagem de regresso a pátria. “Na *Odisseia* a Guerra de Troia já pertence a um tempo passado, aos fatos consumados [...] constituindo apenas o fundo do quadro sobre que são projetados os episódios da narrativa” (HOMERO, 2011, p. 12).

O herói Odisseu luta contra forças mitológicas para retornar a sua tão sonhada Ítaca: abdica da imortalidade, oferecida pela ninfa Calipso, em uma passagem repleta de significado paideutico humanista; vai ao Hades e retorna. Odisseu é o protagonista de um épico repleto de sofrimento em que não à toa é considerado o herói agônico grego por excelência. O mar desse herói é aquele do sonho, do fantástico e

do inimaginável; um mar povoado por seres e aventuras mitológicas. O mar de Posidon!

A obra apresenta, dessa maneira, uma grande riqueza mítica. Relata mitos ou episódios que se incorporam definitivamente ao patrimônio cultural de todos os povos. Trata-se, assim, de uma criação literária de aceitação universal.

2. Telemaquia

Séculos mais tarde, o pensamento ético e pedagógico de Platão e Aristóteles estará fundamentado, em grande parte, na ética aristocrática dessa Grécia arcaica expressa nas epopeias homéricas. Só que – sinal de outros tempos – naqueles pensadores a aristocracia de sangue será substituída pela ‘aristocracia do espírito’, baseada no cultivo da investigação científica e filosófica . (PESSANHA, 1996, p. 10)

Os quatro primeiros cantos da *Odisseia* são tão representativos que compõem quase um poema à parte. Relatam a viagem de Telêmaco, acompanhado pela deusa do conhecimento, Palas Atena. Viagem longa, pelo mar, por terra e por 2.223 versos em que o jovem Telêmaco busca notícias do pai ausente. Desde a Antiguidade, esses lindos versos são conhecidos como “Telemaquia”.

Quando a vitoriosa armada grega deixou Troia e se fez ao mar em direção ao lar deixado para trás havia dez anos, os combatentes tiveram de enfrentar grandes adversidades em seu retorno.

Após a queda do burgo troiano, os deuses olímpianos Palas Atena e Posidon, antes aliados dos gregos durante a guerra, modificaram sua atitude e tornaram-se seus inimigos mais duros e implacáveis. Os gregos, extasiados pela vitória, esqueceram de prestar ação de graças que deviam aos deuses e essa foi a causa dos castigos que sofreram durante a viagem de regresso. A grande tempestade que desabou sobre as naus gregas destruiu parte dos barcos de Agamémnon, arrastou Menelau para o Egito e levou a pique a nau de Ajax. Quanto ao herói

Odisseu, se não sofreu tanto como outros chefes guerreiros, padeceu muito mais tempo perdido do que qualquer outro. Antes de regressar, foi surpreendido por uma grande tempestade que o afastou de sua rota. O herói enfrentou, a partir de então, um exílio de mais dez anos.

Em Ítaca, ilha que governava, a situação se agrava dia após dia, com a falta de notícias suas. Apenas Penélope, sua esposa, e Telêmaco, seu filho, acreditavam no seu retorno. De todas as ilhas e regiões vizinhas convergiam, para o palácio de Odisseu, homens interessados em cortejar Penélope que, no entanto, os repudiava invariavelmente.

Nós, leitores, somos convencidos pelo narrador, desde o início do poema, que os pretendentes, de modo geral, são vis.

 Todavia, deles se diz que são *aristoi*. As suas pretensões, por sua vez, não são condenáveis em si mesmas, mas o modo como as realizam é desmedido: pretender casar com Penélope não é vil, mas dilapidar o patrimônio de Odisseu, sim [...] (WERNER, 2005, p. 18).

Para Jaeger, a “vergonhosa conduta dos pretendentes é constantemente estigmatizada como uma ignomínia [...] seu castigo é rigorosíssimo porque a sua ofensa é duplamente grave [...]” (JAEGER, 1986, p. 43).

Penélope convenceu-se de que acabariam por se cansar. Ganhou tempo afirmando que não se casaria com nenhum deles enquanto não acabasse de tecer uma mortalha destinada ao pai de Odisseu, o idoso Laertes. A verdade, porém, é que esse trabalho não tinha fim, pois todas as noites ela desfazia o que tecera durante o dia.

Após longo tempo, todos os deuses olímpicos se compadeeceram do herói, com exceção de Posidon:

 [...] Posidon, que a terra sacode / pelo motivo de haver o Ciclope privado da vista, sim, Polifemo, / a um deus semelhante, de força enormíssima, / entre os Ciclopes [...] Por essa causa Posidon, que a terra violento sacode, quer não / matá-lo, mas tê-lo constante alongado da pátria (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 68-75).

Dentre todos eles, Palas Atena era sua mais nobre defensora. “A ira desvanecera-se para dar de novo lugar à antiga atitude da deusa; estava resolvida a pôr termo aos sofrimentos do herói e a reconduzi-lo a casa” (HAMILTON, 1983, p. 303). Essa era sua grande preocupação e, ao perceber que Posidon não estava presente a reunião no Olimpo – o deus do mar visitava os etíopes, que viviam na margem mais distante do oceano –, discursa no Canto I da *Odisseia*:

Todos os que conseguiram fugir da precípita Morte / já se encontram na pátria, da guerra e do mar, enfim salvos, / menos um só, que da esposa saudoso e do dia da volta, a veneranda Calipso detinha na côncava gruta, / deusa entre as deusas, que ardia de desejos de o ter por marido (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 11-15).

Os olímpianos se comoveram com as palavras e a defesa da deusa do conhecimento e Zeus, falando em nome de todos, aconselha aos deuses unir esforços para ajudar o herói exilado no retorno a Ítaca:

[...] que a seu palácio retome Odisseu, o de grande inventiva, / Hermes, então, sem demora enviemos, o guia brilhante, à Ilha de Ogígia, porque sem mais perda de tempo, anuncie / À veneranda Calipso de tranças bem feitas, a nossa / Resolução de mandar o prudente Odisseu para a pátria (Homero, *Odisseia*, I, vv. 82-87).

Platão (*República*, III) indaga sobre a visão dos poetas em relação aos deuses, que, segundo ele, podem ser subornados e são dispostos a perdoar. A deusa Palas Atena, que tinha por Telêmaco uma grande afeição, desce do Olimpo em direção a Ítaca, pois também já havia elaborado seus planos de socorro ao nobre Odisseu.

Enquanto a mim, irei logo para Ítaca, porque seu filho / Possa incitar e inspirar-lhe coragem precisa no peito, / Para chamar ao congresso os Acaios de longos cabelos / e aos pretendentes dizer que se mudem, que todos os dias / muitas ovelhas abatem e bois que se arrastam tardinhos. / Quero mandá-lo até Esparta, e a Pilo de solo arenoso, para a volta do pai alcançar fidedignas notícias, / Como,

também, conquistar entre os homens um nome preclaro (Homero, *Odisseia*, I, vv. 88-95).

Aristóteles nos diz que a história e a poesia se diferenciam na forma – uma em prosa e outra em verso – e também na busca que ambas empreendem. Enquanto a primeira escreve o que aconteceu, a poesia nos diz o que poderia ter acontecido. Dessa forma, para o filósofo estagirita, a poesia abre possibilidades para a filosofia e tem um caráter mais elevado, pois “[...] a poesia permanece no universal e a história apenas no particular” (Aristóteles, *Arte Poética*, IX, p. 252). É isso que parece afirmar o poeta brasileiro Ferreira Gullar ao dizer que: “A poesia é o espanto. Ela surge da perplexidade diante da vida” (GULLAR, 2013, p. 13). Ou seja, a linguagem poética remete à perplexidade diante do universal e do imenso da vida.

Jaegger defende que o nascimento e a evolução do conceito de cultura universal “resume toda a história da educação grega, da ética e da política reunidas, sendo, isto, uma das principais características da paideia” (JAEGER, 1986, p. 336). Ele situa o ponto de partida no ideal de cultura dos sofistas e o prolongamento na divergência que fundou duas tradições que, de alguma maneira, chegaram até nós.

O processo que buscamos entender neste artigo, e que é cantado por Homero na *Telemaquia*, está imbricado com o rito de passagem do jovem para o adulto, associado a uma paideia aristocrática condicionada pelas circunstâncias desfavoráveis em que o jovem príncipe está sitiado – uma questão de cunho universal revelada na epopeia. Segundo Joseph Campbell “os rituais das primitivas cerimônias de iniciação têm sempre uma base mitológica e se relacionam à eliminação do ego infantil, quando vem à tona o adulto, seja menina ou menino” (CAMPBELL, 1990, p. 147).

Já Otto Rank, pesquisador, psicanalista, colaborador e colega de Sigmund Freud, na obra *Der Mythos von der Geburt des Helden* (*O mito*

do nascimento do herói), ressalta que para compreender os mitos é necessário adentrar no reino da imaginação: “numerosos investigadores têm enfatizado que a compreensão da formação do mito requer o retorno para a sua derradeira fonte, a faculdade da imaginação individual” (RANK, 1914 *apud* AMADO, 2008, p. 1). Trajano Vieira, na introdução da *Ilíada*, defende que na Grécia o mito é fruto da criação poética, possuindo caráter tradicional e função exemplar.

Para Campbell:

A façanha do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa ou que sente deslocado entre as experiências normais dos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa jornada que ultrapassa o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir seu lugar na sociedade. Normalmente, o herói perfaz-se um círculo que inicia com a partida e termina com o retorno. Essa jornada tem algo de uma busca espiritual, pois o jovem evolui de uma posição de imaturidade psicológica para a coragem da auto-responsabilidade, na passagem se morre e renasce. Esse é o motivo básico do périplo universal do herói (CAMPBELL, 1990, p. 131-132).

Ritos de passagem marcam transições definitivas e definidoras de rumos. Mais que exigências culturais, os ritos de passagem são exigências da construção e da afirmação da identidade humana frente ao que o mundo nos apresenta. Diante deles, somos chamados a nos posicionar, a fazer escolhas, a agir com coragem na direção de algo novo e a abandonar uma margem, muitas vezes, segura e conhecida.

A expressão francesa *rites de passage* foi adotada primeiramente por antropólogos e escritores europeus para definir todos os rituais e cerimônias que propiciam a passagem de uma pessoa para uma nova forma de vida ou um novo *status* social.

Segundo Gennep:

[...] a partir da pesquisa sociológica, da análise da dinâmica social o pesquisador pode reconhecer dentro de uma multiplicidade de

ações conscientemente realizadas ou implícitas, um padrão típico sempre recorrente, o padrão dos ritos de passagem. Esses devem ser estudados a partir de suas determinações originárias: os de separação, margem e agregação. Separação do grupo ou núcleo que fazia parte que pode ser acompanhado por um tipo de consagração que marca a saída; um período de margem onde a pessoa irá passar por ensinamentos, testes e provas a parte da sociedade [...] (GENNEP, 1978, p. 105).

O jovem príncipe de Ítaca se enquadra nessa situação “[...] onde somente os iniciados ou sábios os auxiliam [...]” (GENNEP, 1978, p. 105) e Palas Atena/Mentes/Mentor auxiliam Telêmaco:

[...] e finalmente sua volta já ‘transformado’, para que se una novamente à sociedade já apto a pertencer a outro grupo, essa reunião muitas vezes é acompanhada de ações dessacralizadoras, como se a pessoa tivesse deixado uma esfera sagrada e voltasse ao mundo comum. É relevante, neste período de amadurecimento, a busca por uma identidade adulta, que se apresenta estruturada nas primeiras relações afetivas que estes tiveram no âmbito familiar, adequando-as, entretanto, a realidade atual, durante a sua interação com o meio (GENNEP, 1978, p. 105).

Esse universal rito de passagem do jovem Telêmaco acontece quando o personagem enfrenta uma crise identitária. O texto deixa isso claro quando a deusa Palas Atena, personificada em Mentes, descendente de Anquíalo, aquele que dirige o destino dos tálios amantes do remo, fala para Telêmaco no início do poema: “Crescido assim, como estás, do valente Odisseu tu descendes? Muito com ele pareces [...]” (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 205-206). Desde a partida para a Guerra de Troia, ele diz, “nem mais eu o vi, nem me viu Odisseu”. [Palas Atena sabe onde ele está] (Homero, *Odisseia*, livro I, v. 212).

O ajuizado Telêmaco, por sua vez, lhe responde: “Tudo direi, estrangeiro, de acordo com a pura verdade. Diz minha mãe que sou dele,

de fato gerado; eu próprio o ignoro; ninguém tem consciência da própria linhagem [...]” (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 213-217).

O jovem príncipe segue explanando: “Bem preferira se de outra pessoa pudesse ser filho, / que, mais feliz, à velhice chegasse com riquezas, / Já que o desejas saber, dir-te-ei; venho, sim, do guerreiro / mais infeliz do que quantos partilham da vida terrena”.

Palas Atena/Mentes responde: “Não resolveram os deuses ficasse sem nome e linhagem a que pertences, porque de Penélope foste gerado” (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 217-223).

Palas Atena/Mentes sabe do paradeiro do herói grego, mas não revela para o jovem príncipe de Ítaca e o incita a partir e buscar notícias fidedignas do pai exilado. Homero nos ensina, nesse momento, que o conhecimento deve ser buscado a partir da dúvida.

Para Pierre Hadot (1999, p. 136), é necessário experimentar demoradamente as coisas para conhecê-las. Sem esse esforço pessoal, o ouvinte não assimilará os discursos e eles lhe serão inúteis. Carlos Alberto Nunes, no prefácio da *Odisseia*, traduz que “Atena/Mentor estimula Telêmaco a sair em busca de notícias do pai, com o exemplo do alto nome que Orestes alcançara entre os homens, para que ele também viesse a adquirir fama na memória dos pósteros [...]” (HOMERO, 2011, p. 17).

Telêmaco presta atenção às advertências da deusa, disfarçada sob a figura de Mentes, homem do mar, amigo e hóspede de seu pai. Para Jaeger (1986, p. 53-54), significa que “as palavras de Mentes dizem-lhe a mesma coisa que lhe aconselham as vozes de seu coração” (JAEGER, 1986, p. 53-54). Palas Atena / Mentes encoraja o jovem príncipe a intimar os pretendentes a se dispersarem do palácio até que Penélope decida-se pelo casamento:

[...] Mas agora a pensar te aconselho / como consigas tocar do palácio esse bando de gente. / Vamos, escuta o que digo e reflete nas

minhas palavras. / Logo amanhã chamarás à assembléia os heróicos Aquivos / e a todos eles expõe teu pensar, invocando os eternos” (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 269-273).

Aconselha-o pela primeira vez, dessa forma, a usar o poder da retórica na defesa de sua ideia. A deusa segue com seus conselhos e seu plano.

Ora um conselho sensato pretendo expender, se mo aceitas: / Nau aparelha, a melhor que encontrares, com vinte remeiros, / para notícias buscar de seu pai, que há muito está ausente, / quer to refira um mortal, quer a voz que de Zeus se origina, / que, sobretudo entre os nomes renome preexcelso concede. Vai até Pilo, primeiro, e o divino Nestor interroga; / a Menelau, em seguida, o de louros cabelos, de Esparta, / o derradeiro a chegar dos Aqueus de couraça de bronze [...] Cuida tu próprio de tudo e medita nas minhas palavras (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 279-293).

Telêmaco, dessa maneira, lhe responde:

‘Hóspede, tuas palavras são ditas com ânimo amigo, / como de pai para filho; jamais poderei esquecer-las’. E em seguida pratica com Palas Atenas/Mentes as regras de cordialidade com o hospede: “[...] te peço, que te banhes e possas dar largas ao peito querido, / para depois ao navio voltares, levando um presente, / muito valioso e bonito, que seja lembrança de minha parte, / tal como os amigos com os hospedes fazem de grado (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 306-313).

A deusa novamente enche o coração do jovem de esperanças:

Não me demovas do intento, pois muito me importa ir embora. / Quanto ao presente, se tanto o desejas, que seja na volta, / quando de novo passar por aqui; leva-lo-ei para casa / por mais valioso que escolhas, terás outro igual conquistado.

A de olhos glaucos, Atena, afastou-se a dizer tais palavras. / Desapareceu como pássaro, tendo-lhe ao peito insuflado força e coragem, fazendo-o ainda mais de Odisseu recordar-se do que até então o fizera (Homero, *Odisseia*, livro I, vv. 314-322).

Telêmaco se espanta ao refletir sobre o caso, pois naquele momento notara que estava na presença de um deus. A deusa, com suas palavras e conselhos, incentiva o jovem a se posicionar frente à assembleia em Ítaca, confrontar os pretendentes e também a refletir sobre o caminho que a deusa o exortara em busca da memória do pai ausente. Assim, a busca por notícias do pai, no momento dramático em que o jovem príncipe experimenta, possibilita resgatar a memória de Odisseu e de seus feitos e evidencia para Telêmaco a importância de sua herança cultural na formação da própria identidade.

A herança cultural que Telêmaco busca está intimamente relacionada a conhecer a história de Odisseu, da guerra contra Troia e do retorno dos outros heróis para a Grécia por outras fontes que não aquelas com as quais teve contato desde a infância. Dessa forma, precisa alcançar as próprias conclusões e ensinamentos e conhecer a história do pai pode posicionar o filho perante os desafios futuros que lhe esperam.

Nessa busca, também identificamos uma paideia aristocrática, uma vez que Telêmaco tem contato com rituais, histórias e com a tradicional recepção grega aos estrangeiros e precisa, então, exercitar sua habilidade retórica, “base da obediência de comandados ao comandante” (WERNER, 2005, p. 11), vital para quem governa ou pretende governar. A Telemaquia também pode ser entendida como uma viagem diplomática de recuperação, a partir, principalmente, da memória do pai desaparecido e de seu direito sobre seu *oikos* e sua pólis. É, dessa maneira, uma viagem com o objetivo de firmar parcerias. No mundo antigo, a relação entre anfitrião e hóspede era selada pelo *symbolon*, “signo de reconhecimento, anel rompido de que os parceiros conservavam as metades correspondentes. O pacto efetivado sob o nome de *philótes* faz dos contratantes *phíloi*: a partir de então se comprometem

com a reciprocidade de favores que constitui a hospitalidade” (BENVENISTE, 1995, p. 341).

A viagem do jovem Telêmaco é condicionada por um aprendizado paulatino. Ele é um quando sai e outro ao retornar. Nesse contexto, é muito simbólico Telêmaco ser instigado e começar a viagem ao lado da deusa do conhecimento, pois somente ela pode realmente influenciá-lo e ajudá-lo. Na *República*, Platão afirma que “os guerreiros devem ser humanizados pela educação” (Platão, *República*, III, p. 95).

Lorenzo Luzuriaga e Medina, dentro dessa ideia, defendem que a educação “é a influência intencional e sistemática sobre o ser juvenil, com o propósito de formá-lo e desenvolvê-lo. Significa também a ação genérica, ampla, de uma sociedade sobre as gerações jovens, com o fim de conservar e transmitir a existência coletiva” (LUZURIAGA; MEDINA, 1971, p. 1),.

No dia seguinte, logo que raiou a matinal “[...] Aurora, de dedos de rosa” (Homero, *Odisseia*, livro II, p. 53), os itaquenses convocados por Telêmaco reúnem-se na ágora. Os pretendentes recusam-se a abandonar o palácio de Odisseu e rejeitam a solicitação do jovem príncipe, que pedira um navio e uma equipagem. Telêmaco, à beira-mar, invoca Palas Atena, que lhe aparece disfarçada com as feições de Mentor (de todos os habitantes de Ítaca, era o indivíduo em quem Odisseu depositava mais confiança) e lhe promete ajuda. A deusa providencia-lhe um navio e tripulação. Já à noite, Telêmaco manda levar as provisões para o navio e embarca em companhia de Palas Atena/Mentor.

Noémon, filho ilustre de Frônio, de bom grado lhe emprestou a nau desejada. Depois do sol posto, quando todas as ruas se iam cobrindo de sombras, a deusa arrastou para o mar a nau; em seguida, levou para bordo todos os aprestos, que uma embarcação de boa tilha deve conter, e foi amarrá-la à entrada do porto, e, em volta dela, se congregaram os valentes companheiros, tendo a deusa para

cada um deles uma palavra de estímulo. [...] Atena de olhos brilhantes enviou-lhes vento favorável, o forte Zéfiro (O Zéfiro é um vento noroeste. Era, de fato o vento que impeliria a nau, em linha reta, para a arenosa Pilo. A rosa-dos-ventos na *Odisseia* é: norte: Bóreas; este: Euro; sul: Noto, oeste: Zéfiro) que ressoava sobre o vinoso mar (Homero, *Odisseia*, III, p. 26)²¹⁹.

Diferentemente de Odisseu, o mar de Telêmaco não é o do sonho e do mito. O príncipe de Ítaca navega no mar da história e parte em direção à arenosa Pilo onde ficava a casa do velho herói e conselheiro Nestor.

Palas Atena-Mentor e Telêmaco chegam a Pilo onde recebem um cordial acolhimento. Na chegada, o jovem príncipe se depara com um grande ritual de celebração ao deus Posidon, o deus que sacode a terra. Telêmaco tem, assim, contato com um ritual de homenagem ao deus do mar.

Os Pílios sacrificavam a beira-mar, negros touros em honra do deus de cérule cabeleira, que sacode a terra. Havia nove fileiras de assentos, e em cada uma delas estavam sentados quinhentos homens, e diante deles havia nove touros, um por fileira. Haviam já comido as vísceras, e entretinham-se queimando pedaços de coxas em honra do deus, quando os navegantes aproaram à margem [...] [tradução de Antônio Pinto de Carvalho] (Homero, *Odisseia*, livro III, p. 28).

Essa experiência de Telêmaco ilustra o que afirma Hubert: “não há tribo, por mais humilde que seja, que não tenha patrimônio por transmitir, não só de mão em mão, mas de espírito a espírito” (HUBERT, 1987 *apud* PARAGUAIO, [s.d.], p. 2). Segundo Francisco Larroyo:

Os usos e costumes, as idéias religiosas e os ritos dos primitivos são assimilados pelas gerações jovens sem um mecanismo complexo. A devida forma das gerações adultas transmite-se às crianças e aos jovens por mera imitação: é uma rotina adaptar-se às necessida-

219 O texto utilizado como base no artigo científico é uma tradução de Carlos Alberto Nunes (2011), esta citação é de tradução de Antônio Pinto de Carvalho (1981).

des materiais e religiosas da comunidade em que vivem (LARROYO, 1970, p. 46).

O prudente Telêmaco, ao pisar na praia, recebe um nobre conselho da deusa Palas Atena-Mentor:

[...] de ora em diante debes perder a timidez. Cortaste o mar, para obter notícias de teu pai, saber em que lugar a terra o esconde, e qual o seu destino. Dirige-te, pois, em linha reta, a Nestor [...] Pedestralhe que te fale sem reboço. Não te mentirá, pois todo ele é sabedoria [tradução de Antônio Pinto de Carvalho] (Homero, *Odisseia*, livro III, p. 28).

Temente, o jovem Telêmaco retruca com a deusa:

[...] de que modo devo ir? E como me insinuarei junto dele? Não possuo ainda a prática de discursos persuasivos [...]. Atena lhe respondeu: Telêmaco, por ti próprio encontrarás certas palavras em teu espírito; uma divindade te inspirará outras; pois não acredito que tenhas nascido e crescido contra a vontade dos deuses [tradução de Antônio Pinto de Carvalho] (Homero, *Odisseia*, III, p. 28).

O jovem príncipe, dessa maneira, precisa exercitar o tão importante poder da retórica em sua primeira viagem “diplomática”.

Uma vez satisfeita a fome e a sede dos convidados, Nestor, “o velho condutor de cavalos” [tradução de Antônio Pinto de Carvalho] (Homero, *Odisseia*, livro III, p. 29), tomou a palavra:

Agora que nossos hóspedes se deliciaram em comer, é o momento mais propício para interrogá-los. Estrangeiros, quem sois vós? Donde navegais pelos úmidos caminhos? Trouxe-vos aqui algum negócio, ou errais através do mar, como piratas que cruzam as águas, arriscando a vida e levando desgraça a gentes de outros países?

Telêmaco responde a Nestor sobre o objetivo da viagem e solicita-lhe notícias do pai ausente. O velho herói acolhe-os calorosamente e conta histórias da Guerra de Troia e daqueles que padeceram no conflito bélico e fala para o jovem sobre Odisseu:

Havia lá um, a quem ninguém jamais pensou em equiparar-se em espírito, pois a todos se avantajava em artimanhas infinitas: era o ilustre Ulisses (Odisseu), teu pai se é que, na verdade, tu és seu filho: ao verte sinto-me tomado de respeito; é certo que tuas palavras revelam o mesmo tato que as dele; até custa crer que um jovem se expresse com tanto acerto [tradução de Antônio Pinto de Carvalho] (Homero, *Odisseia*, livro III, p. 30).

Telêmaco ouve sobre as habilidades do pai e é comparado a ele. No entanto, quanto ao motivo que os levara até Pilo, Nestor indica que não dispunha de informações sobre o paradeiro de Odisseu. Segundo a opinião de Nestor, somente Menelau poderia dar a Telêmaco notícias do pai.

Nestor oferece, então, um carro para que o jovem chegue a Esparta. Seu filho, o valente Pisístrato, seguiria com ele, já que conhecia bem o caminho que era mais rápido do que a viagem por mar. Telêmaco aceitou o conselho e a oferta de transporte. Mentor ficaria encarregado de zelar pela embarcação e, no dia seguinte, Telêmaco partiu com o filho de Nestor para o palácio de Menelau.

Na paideia aristocrática, à qual Telêmaco está exposto, esse é também um momento de grande valia. Depois da viagem por terra, chegam às portas de Esparta em frente à casa senhorial, o edifício mais esplendoroso que ambos os jovens tinham visto até então. Nesse momento, Menelau oferecia um banquete em comemoração às núpcias de sua filha Hermíone.

É muito importante para o jovem príncipe itaquense conhecer um reino tão rico e, dessa maneira, redimensionar a própria pólis em tamanho e poder. Um rei precisa conhecer seus limites para bem governar e firmar alianças. Até então o jovem príncipe nunca havia saído da pequena Ítaca.

Os jovens sentiam-se fascinados e felizes com aquela exuberância, mas também estavam um pouco constrangidos com toda aquela magnificência.

Telêmaco murmurou baixinho ao amigo, com receio de que alguém o ouvisse: “Os salões de Zeus, no Olimpo, devem ser assim! Até me falta ar!” Mas, dentro de breves instantes, já esquecera e perdera a timidez, pois Menelau tinha começado a falar de Odisseu – dos seus feitos gloriosos e das suas grandes tristezas (HAMILTON, 1983, p. 307).

A bela Helena, esposa de Menelau, reconheceu logo Telêmaco pela semelhança física com o pai exilado. O jovem itaquense contou-lhes a desgraça que desabara sobre sua pólis e que vinha em busca de auxílio e conselhos. O jovem perguntou a Menelau se sabia dar-lhe notícias dele, boas ou más. Uma longa história Menelau se pôs a contar: de Odisseu ele havia tido notícias quando se encontrava detido no Egito e de um modo bem estranho. Menelau contou, então, ao jovem príncipe que, no momento em que as provisões escasseavam, uma deusa do mar se apiedou do rei de Esparta. Era a filha do deus marinho Proteu, que, por sua vez, era o único que poderia tirá-los daquela situação, mas, para isso, deveria ser agarrado à força na praia. Cobertos com pele de foca, se aproximaram do deus marinho que todos os dias se deitava na praia. Menelau e seus homens conseguiram, com muito esforço, segurar o deus e dele retiraram diversas informações importantes para o retorno à pátria e também sobre a sorte dos heróis gregos da grande guerra. Proteu contou que Odisseu se encontrava numa ilha, onde fora retido por uma ninfa de nome Calipso. Foi tudo o que o rei de Esparta conseguiu apurar sobre o herói Odisseu, desde que os combatentes gregos saíram de Troia havia dez anos. Um pesado silêncio instalou-se sobre o grupo. Segundo Edith Hamilton:

Todos ficaram suspensos a pensar nos acontecimentos que, desde então, haviam ocorrido e choraram – Telêmaco pelo pai; o filho de

Nestor pelo irmão, o veloz Antíloco, morto diante das muralhas de Tróia; Menelau por muitos companheiros de armas caídos nos campos de Tróia, e Helena quem poderia afirmar com absoluta certeza por quem brotavam lágrimas dos olhos de Helena?! Estaria ela pensando em Páris ali sentada no esplêndido salão de seu marido?! (HAMILTON, 1983, p. 308).

Telêmaco recebe de Menelau os tradicionais presentes de hospitalidade e se prepara para regressar a Pilo e, em seguida, para casa. O rei de Esparta oferece ao jovem: “[...] dou-te carruagem de fino lavar, três cavalos e, ainda, uma belíssima taça, com que libações ofereças aos imortais diariamente, tornando-me sempre lembrado” (Homero, *Odisseia*, livro IV, p. 101). Telêmaco responde sabiamente:

Quanto ao presente que a mim destinaste, que seja uma jóia, porque cavalos para Ítaca não levarei; para o gozo próprio tos deixo aqui mesmo; em extensas planícies dominas [...] Pistas extensas não temos em Ítaca, ou mesmo bons prados; pastos de cabra, isto sim, que as do poldro pastagens mais gratos. Sabes que as ilhas situadas no mar não têm prados de jeito para carruagens andar. Mais do que todas é Ítaca imprópria” (Homero, *Odisseia*, livro IV, vv. 603-610).

Nesse momento do poema, o jovem príncipe dá sinais de maturidade ao lidar com essa questão. Pensa e se posiciona como governante escolhendo o melhor para sua ilha.

Em Ítaca, entretanto, os pretendentes são informados tardiamente de sua partida e combinam armar uma cilada no regresso do príncipe. Penélope, aflita ao descobrir o macabro plano, recebe em seu leito o fantasma de sua irmã Iftima, enviada por Palas Atena para reconfortá-la. Ao final da Telemaquia, nós leitores, tomamos ciência de que os pretendentes partem para a emboscada, na qual esperam ver cair o jovem príncipe.

Telêmaco se desenvolve, durante seu processo educacional e de resgate de sua herança cultural, passando de rapaz tímido, inseguro e inexperiente a homem feito e, assim, capaz de intervir decisivamente

no curso dos acontecimentos e também de apoiar o pai no instante dramático da luta contra os pretendentes de Penélope.

Os conhecimentos adquiridos a partir da instigação da deusa Palas Atena e de sua viagem de iniciação, da observação e da participação em rituais e banquetes de celebração aos visitantes, além do desenvolvimento de sua retórica, são centrais em seu processo de amadurecimento pessoal. Conhecer a história do pai, por fontes fidedignas, engrandece o filho. Ao tomar contato com sua herança cultural, o jovem sai fortalecido e preparado para defender sua pólis. *É nesse sentido que reconhecemos a apropriação que Telêmaco faz da experiência de conhecer a sua história paterna, como a apropriação de uma experiência que porta e traduz “intenções, valorizações e saberes”* (FELGUEIRAS, 2010). Portanto, a apropriação de uma herança cultural que se compõe dos “afectos que unem as pessoas aos objetos, às memórias, aos gestos, aos espaços e vida, às formas de ver o mundo” (FELGUEIRAS, 2010).

O aprendizado de Telêmaco, inscrito na busca do pai/busca de conhecimento/busca de sua História, abre possibilidades para o autorreconhecimento de sua importância social na pólis, bem como de sua força social. Visitar distintas regiões da Grécia proporciona aos olhos do jovem príncipe a sabedoria do real tamanho de sua terra natal, Ítaca. Por exemplo, a descrição homérica do “régio esplendor do palácio de Menelau em Esparta, assombra o jovem Telêmaco, em contraste com a rústica simplicidade da mansão senhorial de Odisseu” (JAEGER, 1986, p. 42). Essa noção é fundamental para que ele compreenda que Ítaca é um pequeno reino entre muitos outros e, desse modo, entenda a importância de estabelecer alianças como condição para fortalecer seu reino.

Considerações finais

A cultura é concomitantemente o acesso ao conhecimento técnico, mitológico e ritual, de memória e de organização, expresso por uma linguagem e registrado na memória dos indivíduos, em primeiro lugar, e depois por escrito. É construída coletivamente com base nas experiências concretas de viver partilhadas no mundo: diferentes experiências instituem diferentes práticas e valores culturais. Assim, a cultura é múltipla e diversa, e essa diversidade cultural conforma outra: a diversidade social. Quando falamos de herança cultural, falamos, portanto, de algo que alimenta o social, que instrui a lembrança, a comunicação, sendo transmitida de indivíduo para indivíduo e também de geração para geração.

A cultura é traçada a partir de pequenos gestos cotidianos, nas maneiras como cotidianamente as pessoas pensam, ajem, representam o mundo e constituem sua vida em sociedade, assim como com base nos valores que cultuam e nas crenças que partilham. O conceito de cultura remonta à época romana e referia-se ao cultivo dos campos, apenas muito tardiamente se transformou em cultivo do espírito. O *Dicionário Prosódico de Portugal e Brasil*, do escritor português João de Deus, edições de 1877 e de 1907, remete a definição de cultura para a realidade agrícola e define-a, no campo do espírito, como “tratar com frequência as letras, as relações de alguém; dar-se com assiduidade ao estudo, ao trato” (DEUS, 1877 *apud* FELGUEIRAS, 2010). Ou seja, a cultura incluía a ideia de civilidade, das boas maneiras do trato social, e guardava, ainda, o traço de uma ação, de dar-se ao estudo ou tratar as letras. O processo educativo, de formação de valores sociais, pode, assim, ser compreendido como um processo de formação cultural. Todo saber adquirido é um saber valorizado culturalmente. Dessa maneira, a reflexão sobre educação permite-nos afirmar que se trata de um pro-

cesso em construção permanente, além de considerar que o homem como um ser cultural é um ser que se educa constantemente.

Vale dizer que a construção do saber encontra muitos elementos de representação no personagem Mentor, secundário na *Odisseia*. No entanto, esse personagem assume grande importância na obra de François Fénelon, teólogo católico, poeta e escritor francês, intitulada *As aventuras de Telêmaco*, escrita em 1699. Em sua obra, Fénelon tira Mentor da penumbra e o eleva à condição de segundo pai, professor, orientador e guia de Telêmaco. Com o sucesso da obra como material educacional, em 1750, a palavra “mentor” passou a figurar nos dicionários de francês e de inglês como sinônimo de conselheiro sábio, além de protetor e financiador.

Além disso, Jaeger destaca importância dada a Mentor ao observar que sua bonita relação com Telêmaco “[...] fundamenta-se no desenvolvimento do tema pedagógico que domina a Telemaquia inteira [...]” (JAEGER, 1986, p. 53-54).

Muitos e muitos séculos depois, a obra de Homero, *Odisseia*, em especial a Telemaquia, continua a revelar, por meio do livro de Fénelon, sua importância didática paideutica para a educação de um aristocrata. Fénelon constrói a partir da Telemaquia uma história que conta o retorno do príncipe Telêmaco para Ítaca, dessa vez, em prosa e pelo mar mítico antes viajado por Odisseu. O autor produz com seu livro um rico material que visava à educação de um jovem príncipe no século XVII da era comum.

Nesse sentido, pode-se dizer que a Telemaquia expressa um rito de passagem do jovem itaquense para o mundo adulto (a “viagem” de um jovem para o mundo adulto). A especificidade desse rito está no fato de que o ingresso de Telêmaco nesse novo mundo se dá pela experiência de uma formação aristocrática (uma “paideia” aristocrática), em que a história oral tem influência capital. Na viagem de Telêmaco,

evidencia-se uma busca pessoal pela própria identidade, compreendida como algo que está profundamente relacionado com sua história de vida, sendo profundamente representativa no que tange a sua herança cultural. Conforme sugere Delfim Ferreira Leão:

[...] uma civilização que não tenha consciência de seu passado, das suas raízes linguísticas, do patrimônio cultural, em suma, da própria natureza matricial, não pode obviamente ter futuro, pois está condenada a andar numa constante deriva identitária (LEÃO, 2011, p. 6).

Assim, é plausível dizer que Telêmaco foi ao vasto mar para enfrentar a própria “deriva identitária”.

Referências bibliográficas

- AMADO, André Miele. A busca pelo sagrado: o mito do herói e os ritos de passagem. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES – “MIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DAS RELIGIÕES”, 10. *Anais...* São Paulo: UNESP, 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/amado-andre-miele.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2013.
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].
- BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*, v. 1. Campinas: Unicamp, 1995.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CAMPBELL, Joseph (Org.). *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2005.
- HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999.
- HAMILTON, Edith (1983). *A mitologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FELGUEIRAS, Margarida Maria Pereira dos Santos Louro de. *Herança cultural como processo colectivo*. São Paulo: Centro de Memória da Educação, FEUSP 2010. Disponível em: <<http://cmefeusp.blogspot.com.br/2010/07/heranca-cultural-como-processo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2012.
- GENNEP, Van Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GULLAR, Ferreira. *Adeus à poesia*. Metro, 2013.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Haroldo de Campos. Introdução e organização de Trajano Vieira. São Paulo: Arx, 2003.

- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LARROYO, Francisco. *História geral da Pedagogia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- LEÃO, Delfim Ferreira. *Ulisses e o espírito agônico grego: o herói da imaginação, do sacrifício e do conhecimento*. Porto: [s.n.], 2011.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LUZURIAGA Y MEDINA, Lorenzo. *História da Educação e da Pedagogia*. Trad. Luiz Damasceno Penna e J. B. Damasceno Penna. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- MORAES, Alexandre Santos de. A assembleia de Telêmaco como espaço de experiências. *Phoinix*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 12, p. 13-24, 2010. Disponível em: <http://www.revistaphoinix.com/phoinix20102/artigo001_alexandremoraes.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2013.
- PARAGUAIO, José Carlos. *A Paideia como formação integral do homem*. Disponível em: <<http://www.mastereducacional.com/arquivos/PAIDEIA.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2012.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história clássica*. vol. 1 Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- PESSANHA, José Américo Motta (Org.). *Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Leonell Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- SCHÜLER, Donald. *Literatura grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- WERNER, Christian. Os limites da autoridade de Odisseu na *Odisseia*. *Calíope*, n. 13, p. 9-29, 2005. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas/files/upload/caliope13.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2013.